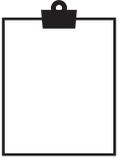


BALANÇO 2016

dos jornalistas presos, reféns e
desaparecidos no mundo

**REPORTERES
SEM FRONTEIRAS**
PELA LIBERDADE DA INFORMAÇÃO



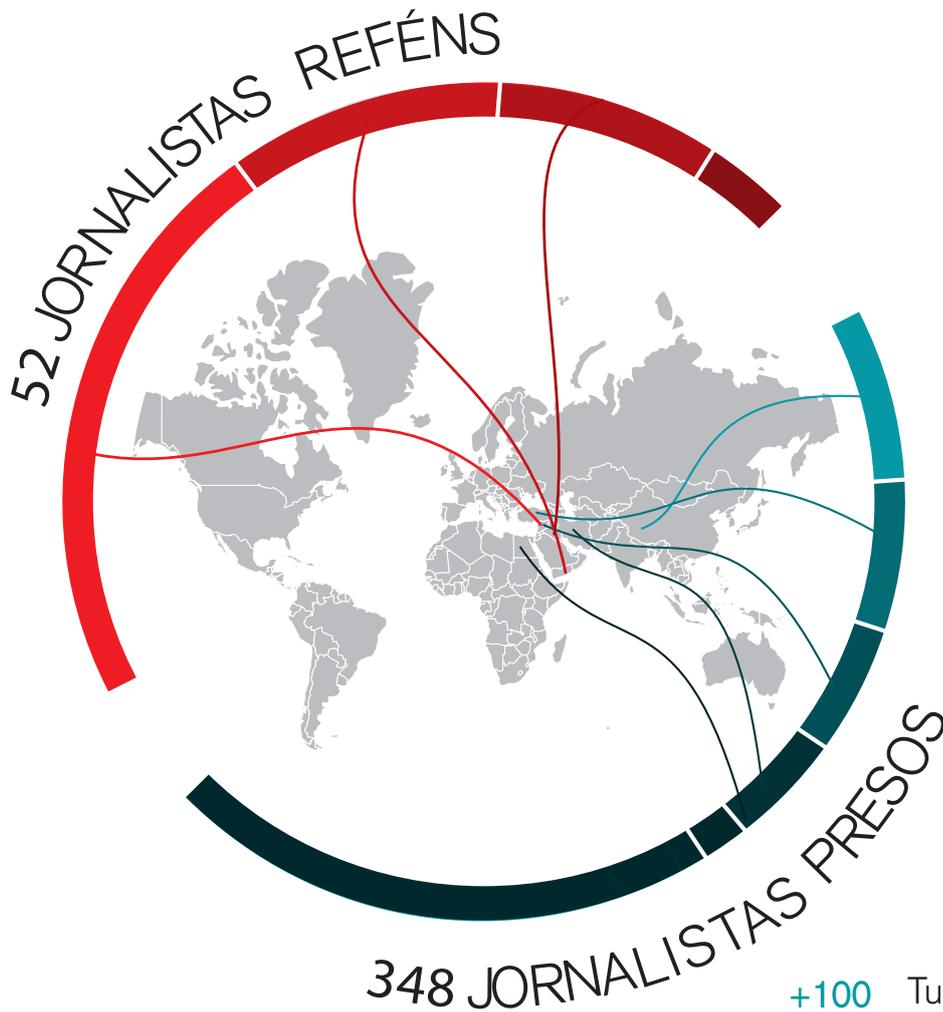
ÍNDICE

I/Apresentação	p.3
II/Reféns	p.5
Em números	
Concentrados em três países	
Os principais sequestradores de jornalistas	
III/Desaparecidos	p.8
IV/Detidos	p.9
Em números	
As 5 maiores prisões	
Turquia, a maior prisão para os jornalistas profissionais	
Perfis dos detidos	
V/Recomendações da RSF	p.14



BALANÇO DOS JORNALISTAS PRESOS, REFÉNS E DESAPARECIDOS NO MUNDO

- 26 Síria
- 16 Iêmen
- 10 Iraque



1 JORNALISTA
DESAPARECIDO
EM 2016

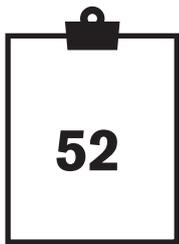


- +100 Turquia
dos quais 41 confirmados
- 103 China
- 28 Síria
- 27 Egito
- 24 Irã
- 125 Resto do mundo

*Balanço de 1o de janeiro a 1o de dezembro de 2016

Observação metodológica:

O balanço 2016 estabelecido pela Repórteres sem Fronteiras considera em sua contagem total não somente os jornalistas profissionais, mas, pela primeira vez, também jornalistas-cidadãos e colaboradores da mídia. Estes últimos, cada vez mais, desempenham um papel crescente na produção de informação, especialmente em regimes repressivos ou países em guerra, onde é mais difícil para jornalistas profissionais exercerem sua atividade. No detalhamento, contudo, o balanço continua a distinguir, sempre que possível, esses agentes da informação dos jornalistas profissionais, para que seja possível estabelecer comparações de um ano a outro.



JORNALISTAS REFÉNS ATUALMENTE

-15 % ↘

Dos quais

- 44 jornalistas profissionais
- 3 jornalistas-cidadãos
- 5 colaboradores de mídia

100 %
em zonas de
conflito



100 %
no Oriente
Médio



100 %
homens



89 %
de jornalistas
locais



11 %
de jornalistas
estrangeiros

Cinquenta e dois jornalistas, todos homens, estão hoje como reféns ao redor do mundo, em comparação a 61 no ano passado, na mesma data. Contudo, é preciso lembrar que o número de reféns em 2015 foi especialmente elevado, apresentando alta de 35%. Este ano, todos esses reféns encontram-se no Oriente Médio, em três países destruídos pela guerra. Trata-se, em sua grande maioria, de jornalistas locais, que trabalham, com frequência, por conta própria, em condições precárias e extremamente arriscadas.

Uma concentração em três países



Não surpreende que a Síria permaneça encabeçando a lista dos países mais perigosos. Os jihadistas do grupo Estado Islâmico fazem dos jornalistas alvos preferenciais, com o objetivo de eliminar qualquer crítica, fazer com que reine o terror e exigir resgates para alimentar sua máquina de guerra. Em seguida vem o Iêmen: desde que as milícias xiitas hutis tomaram o controle da capital Sanaa, em setembro de 2014, os sequestros e desaparecimentos de jornalistas e colaboradores da mídia são inúmeros.

No Iraque, os combatentes do grupo EI mantêm ainda em cativeiro 10 jornalistas e colaboradoras da mídia, todos iraquianos, há cerca de dois anos em seu feudo de Mossul. Todos os veículos de comunicação foram ali interpelados pelo grupo em 2014, tornando esta cidade um buraco negro da informação até a ofensiva do exército iraquiano e seus aliados em 17 de outubro último.

Os principais sequestradores de jornalistas

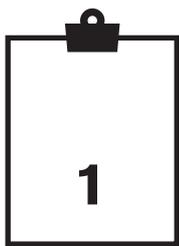


O grupo Estado Islâmico, triturador da informação

O grupo Estado Islâmico estabelece como alvo os jornalistas que não juram fidelidade à sua ideologia fundamentalista, assim como aqueles que transmitem informações a partir de territórios controlados, considerados traidores ou espiões. Os jornalistas sequestrados pelo grupo têm um destino terrível: uma execução com atos de barbárie, filmada e divulgada nas redes sociais, ou a exploração de sua imagem a serviço de uma propaganda odiosa. Foi assim que o jornalista John Cantlie, capturado com James Foley em novembro de 2012, apareceu emaciado em julho último em um vídeo divulgado pelo grupo. A RSF condena esse uso covarde de um jornalista, refém há anos e visivelmente abatido, para alimentar a propaganda jihadista.

Os Hutis: os jornalistas críticos são nossos inimigos

No Iêmen, desde que os rebeldes xiitas comandados por Abdul-Malik Al-Houthi tomaram o controle da capital Sanaa em setembro de 2014 e declararam guerra aberta aos jornalistas, um grande número de profissionais da imprensa interrompeu suas atividades ou deixou o país. Os Hutis não toleram críticas e, hoje, mantêm em cativeiro pelo menos 15 jornalistas e colaboradores da mídia, todos locais. Dois deles foram sequestrados este ano. É o caso de Youssef `Ajlane, que trabalha como jornalista para o site de informações Al-Masdar Online e havia decidido parar de trabalhar, devido ao alto risco, depois que as forças hutis tomaram de assalto sua redação em março de 2015. Apesar dessa aposentadoria prematura, ele foi sequestrado pela milícia xiita diante de sua casa no último dia 13 de outubro. Permanece detido, desde então, em uma prisão controlada pelos rebeldes xiitas, sem poder entrar em contato com sua família ou seus parentes.



JORNALISTA AINDA DADO COMO DESPARECIDO ATUALMENTE

2016

De acordo com nossas informações, **houve apenas um jornalista desaparecido ao longo de 2016, e ainda hoje**, em comparação a oito no mesmo período do ano passado. A RSF considera que um jornalista é dado como desaparecido quando não há elementos suficientes para determinar que ele foi vítima de um homicídio ou de um sequestro e quando nenhuma reivindicação confiável foi divulgada.

O jornalista burundiano Jean Bigirimana está desaparecido desde 22 de julho. Este colaborador da Iwacu e da Infos Grands Lacs permanece desaparecido num período em que o país enfrenta uma grave crise política que levou ao fechamento de inúmeros veículos da imprensa e ao ataque a jornalistas.



Segundo várias testemunhas, Jean foi visto pela última vez em Muramvya, a 40 km da capital Bujumbura, sendo levado por agentes do serviço de inteligência. As autoridades, inicialmente, afirmaram que o haviam detido, mas depois voltaram atrás. Uma investigação realizada por seus colegas da Iwacu levou à descoberta de dois cadáveres em um rio próximo à cidade onde Jean foi visto pela última vez. Mas seu estado impossibilitava qualquer identificação. A mulher de Jean não foi capaz de identificar seu marido quando apresentada aos dois cadáveres. Contudo, nenhuma autópsia ou análise genética foi realizada e os dois corpos foram enterrados às pressas pelas autoridades locais, sem que pudessem ser identificados.

Onde está Jean hoje? Ele foi preso pelos serviços de inteligência? Foi morto? Essas perguntas sem resposta assombram sua família e seus colegas. **A RSF lançou em setembro um abaixo assinado pedindo às autoridades do Burundi que abram uma investigação independente sobre o seu desaparecimento.** Mais de 11 mil assinaturas foram colhidas até hoje.



348

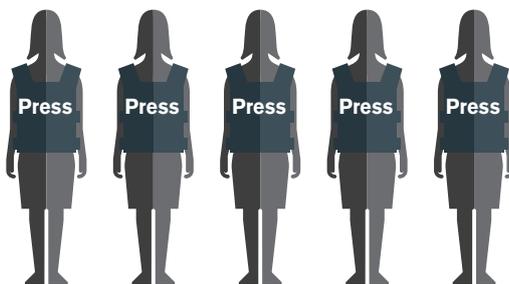
348 JORNALISTAS PRESOS

+ 6% ↗

Dos quais

- 187 jornalistas profissionais
- 146 jornalistas-cidadãos
- 15 colaboradores de mídia

6,5%



21 mulheres jornalistas

Entre as quais 13 jornalistas profissionais



1,5%

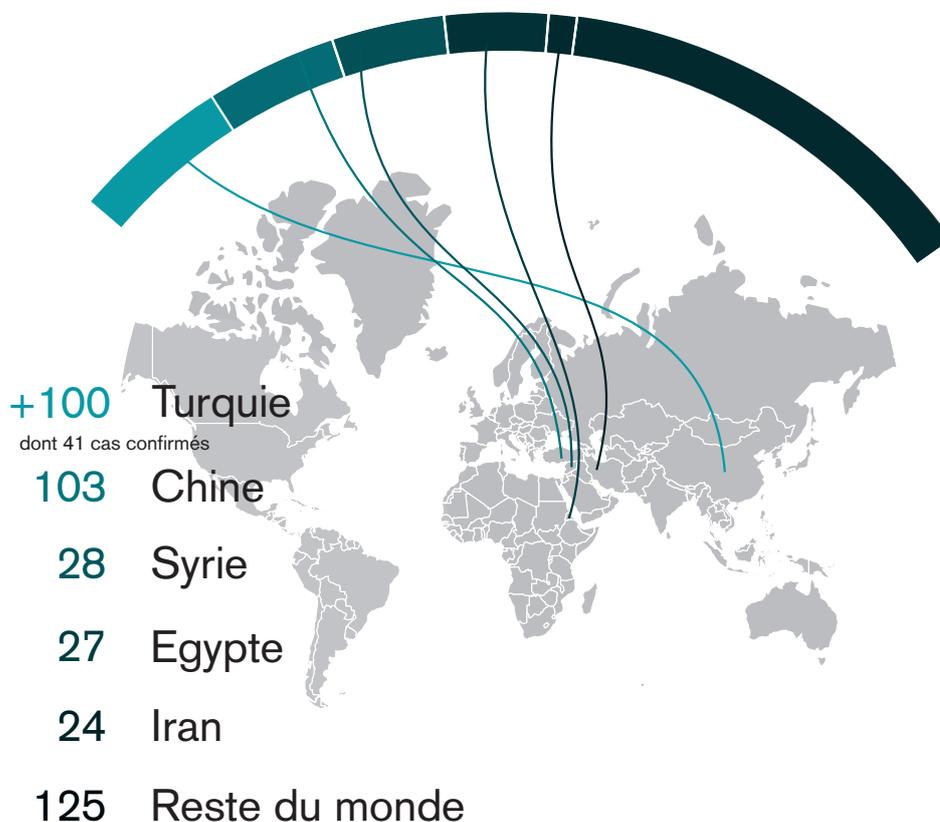
5 jornalistas estrangeiros

presos atualmente

Em 1o de dezembro, 348 jornalistas estarão presos ao redor do mundo por ter exercido sua missão de informar. Isso é mais do que em 2015 (153 jornalistas profissionais, 161 jornalistas-cidadãos e 14 colaboradores da mídia aprisionados, ou seja, 328 no total). O número de jornalistas profissionais presos apresentou alta de 22%, tendo quadruplicado na Turquia em seguida ao golpe fracassado de julho. Os outros principais alçozes são a China, o Egito, a Síria e o Irã que concentram sozinhos mais da metade dos jornalistas, blogueiros e colaboradores da mídia presos ao redor do mundo.

A quantidade de mulheres detidas mais do que dobrou este ano, o que demonstra a feminização da profissão, mas sobretudo o desastre pelo qual passa a Turquia, onde um terço delas foi preso. Mais da metade está presa na Ásia (9 na China, 1 no Vietnam). Outros quatro estão detidos no Irã.

As cinco maiores prisões do mundo para jornalistas

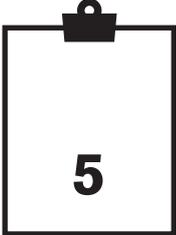


A Turquia, maior prisão do mundo para jornalistas profissionais

A caça às bruxas que se seguiu ao golpe de estado fracassado de 15 de julho fez da Turquia a maior prisão do mundo para jornalistas profissionais, como foi o caso em 2012 e 2013: as prisões se multiplicam enquanto o governo fecha, por decreto, os principais veículos críticos, aproveitando o estado de emergência para dar um fim ao pluralismo. **Ao final de 2016, o país possui mais de uma centena de jornalistas agrilhoados, dos quais a RSF pode confirmar, até o momento, que pelo menos 41 foram presos por conta de suas atividades profissionais.** Esse número é um mínimo provisório, baseado no exigente barômetro da liberdade de imprensa da RSF, que pressupõe um exame minucioso caso a caso. Exercício praticamente impossibilitado pelos procedimentos judiciais acelerados instaurados com o estado de emergência: detenção provisória prolongada sem denúncia formal, com acesso limitado a um advogado... Afirmarões críticas ao poder, uma certa empatia por Gülen ou pelo movimento político curdo são normalmente suficientes para que um jornalista seja jogado na prisão, sem que a justiça julgue ser necessário provar qualquer tipo de implicação com atividades criminosas. Nove colaboradores do jornal Cumhuriyet, um dos últimos jornais de oposição, foram presos durante uma investida contra a redação, no dia 31 de outubro. Um triste destino compartilhado por outros jornalistas de renome, tais como Sahin Alpay, Asli Erdogan, Murat Aksoy, Ahmet Altan... O representante da RSF na Turquia, Erol Önderoglu, também passou 10 dias na prisão no mês de junho. Em liberdade condicional, ele é acusado de «propaganda terrorista», assim como cerca de cinquenta de seus colegas, por ter participado de uma campanha de solidariedade ao jornal curdo Özgür Gündem. A próxima etapa do processo será realizada no dia 11 de janeiro de 2017.

A China permanece como maior algoz mundial para os agentes da informação, com mais de 100 jornalistas e blogueiros presos. Ocupando o 176o lugar de 180 no Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa 2016, estabelecido pela RSF, a China garante seu lugar no clube dos piores predadores da liberdade de informação. Também no Irã os jornalistas, profissionais ou não, são perseguidos, ameaçados, convocados pelas autoridades e, com frequência, aprisionados em condições terríveis. (Ver quadro: imagens de presos)

No Egito, onde 27 jornalistas estão presos, o silenciamento da informação toma contornos cada vez mais preocupantes. O regime do presidente egípcio Abdel Fattah Al-Sissi persegue todos aqueles que tem alguma relação, próxima ou distante, com a Irmandade Muçulmana.



5

PERFIS DOS PRESOS

2016



Asli Erdogan (Turquia)

A célebre romancista e colunista Asli Erdogan, 49 anos, está na cadeia desde o dia 16 de agosto de 2016. Nesse mesmo dia, o jornal para o qual ela colabora, *Özgür Gündem*, foi fechado por militares, acusado de estar agindo como “porta-voz do Partido dos Trabalhadores do Curdistão” (PKK, que está proibido). Por ter publicado cinco colunas de opinião nesse jornal, Asli Erdogan é acusada de “pertencer à uma organização terrorista”, de “propaganda terrorista” e de “atentar contra o Estado”. Ela sofre de asma e diabetes, mas a degradação do seu estado de saúde ainda não foi suficiente para convencer seus carcereiros a libertá-la. Aliás muito pelo contrário: no dia 10 de novembro, o Ministério Público pediu a pena de prisão perpétua contra ela e oito de seus colegas.

Asli Erdogan também é tão conhecida por seus romances, publicados e traduzidos em diversas línguas, quanto por seu ativismo no campo dos direitos humanos. Engajada há décadas pela paz, pelos direitos das mulheres e das minorias, ela denunciava nas suas colunas assim como nos seus livros, a multiplicação dos ataques às liberdades, as péssimas condições de detenção, a situação da população civil no fogo cruzado na região sudeste do país, de maioria curda... No começo de novembro, desde sua prisão, ela fez um apelo a comunidade internacional para que acorde diante de uma Turquia que “deixou de respeitar suas próprias leis”. “O desaparecimento da democracia na Turquia”, afirma ela, “inevitavelmente (...) terá impactos em toda a Europa.”



Mahmoud Abou Zeid, alias Shawkan (Egito)

Conhecido pelo pseudônimo Shawkan, Mahmoud Abou Zeid, jovem fotojornalista egípcio de 29 anos, amarga uma prisão há mais de três anos sem condenação. Foi preso no Cairo em 14 de agosto de 2013 quando cobria a dispersão violenta de partidários do presidente destituído Mohamed Morsi na praça Rabaa Al-Adawiya. Espancado e com seu equipamento confiscado, foi em seguida torturado na delegacia de polícia. Ainda que a agência britânica de fotografia Demotix tenha confirmado que Shawkan trabalhava em missão para ela naquele dia - e que suas fotos tenham sido publicadas por veículos tais como Time Magazine, Bild e Die Zeit - o jornalista ainda é objeto de uma dezena de acusações falaciosas como “assassinato”, “tentativa de assassinato”, “pertencimento a um grupo proibido” (os Irmãos Muçulmanos), “participação em manifestação ilegal” e “posse de armas”. Ele pode ser condenado a prisão perpétua, ou até a pena de morte. Sua prisão já é ilegal sob o ponto de vista da lei egípcia, pois já ultrapassou a duração máxima de detenção provisória para casos excepcionais. Shawkan está hoje muito enfraquecido. Moralmente esgotado, sofre de hepatite C e está anêmico. Por falta de cuidados médicos, sua saúde não para de se deteriorar. Ahmed Abu Seif, próximo ao jornalista e fundador da campanha “Free Shawkan”, o descreveu como estando em estado “crítico” de saúde.



Narges Mohammadi (Irã)

Detida em 5 de maio de 2015, a jornalista iraniana e porta-voz do centro de defensores dos direitos humanos Narges Mohammadi, 46 anos, foi acusada de “ação contra a segurança nacional e publicidade contra o regime”. Foi condenada uma primeira vez em abril de 2016 em um processo marcado por irregularidades e influenciado pelo Ministério da Inteligência. Em setembro passado, o tribunal de segunda instância rejeitou um recurso de seus advogados e confirmou sua condenação a 10 anos de prisão. O caso de Narges é emblemático das práticas judiciais no Irã, onde o sistema é controlado pelo Líder Supremo da revolução, o aiatolá Ali Khamenei, e executado pelos Guardiães da Revolução, o exército de elite do regime islâmico, com o propósito de amordaçar qualquer informação crítica. Vítima de assédio jurídico, Narges foi detida, condenada, hospitalizada e liberada inúmeras vezes desde 2010. Encontra-se hoje na prisão de Evin, sem acesso aos cuidados médicos de que precisa.

Lu Yuyu et Li Tingyu (China)

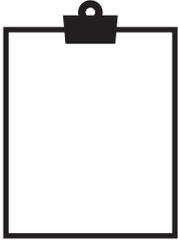


O casal de chineses Lu Yuyu e Li Tingyu, por sua vez, recebeu este ano o Prêmio Repórteres sem Fronteiras - TV5 Monde pela a Liberdade de Imprensa, na categoria jornalistas-cidadãos. Presos no dia 15 de junho de 2016, os dois jornalistas-cidadãos foram mantidos em detenção secreta durante três semanas antes de poderem consultar seus advogados. Acusados de “perturbação da ordem pública” por ter documentado as greves e manifestações civis em toda a China, correm o risco de serem condenados a muitos anos de prisão e de serem maltratados em detenção.

Jovo Martinovic (Montenegro)



Jovo Martinovic é um jornalista independente de Montenegro que investiga casos de crime e corrupção há muitos anos e que colaborou com grandes veículos de mídia internacionais como The Economist, The Financial Times, e a agência CAPA. Há mais de um ano, está em detenção provisória em Podgorica com treze outras pessoas por um caso de tráfico de drogas. Desde a abertura de seu processo ao final de outubro, o principal acusado - membro de uma organização criminosa internacional chamada “Pink Panthers” - inocentou Jovo Martinovic alegando que os vínculos do jornalista com a rede criminosa eram estritamente ligados à sua ação profissional e tinham como objetivo a produção de documentários. A próxima audiência do processo deve acontecer no dia 28 de novembro.



PROTEGER MELHOR OS JORNALISTAS

2016

Por um protetor dos jornalistas

Veículos de comunicação, jornalistas, ONGs e personalidades públicas de todos os continentes lançaram, dia 29 de abril, um apelo solene para a criação de um “protetor dos jornalistas”, de acordo com a proposta da RSF a favor de um representante especial do secretário geral das Nações Unidas para a segurança dos jornalistas.

A coalizão recomenda às Nações Unidas e aos Estados Membros atribuir ao titular desse posto o peso político, a capacidade de agir rapidamente e a legitimidade para coordenar os esforços das Nações Unidas pela segurança dos jornalistas. O objetivo é instaurar um mecanismo concreto de aplicação do direito internacional, que permita finalmente reduzir o número de abusos contra os jornalistas ao redor do mundo. Até o momento, a adoção de inúmeras resoluções da ONU sobre a proteção dos jornalistas e a luta contra a impunidade não permitiu que se obtivesse resultados concretos.

Por meio deles, foi o direito à informação de milhões de cidadãos que foi sacrificado. Os principais problemas do mundo, questões ambientais, luta contra o extremismo violento, não podem ser tratados sem o trabalho essencial dos jornalistas. É urgente que possam realizar seu trabalho em um ambiente seguro e que seja dado um fim à impunidade de autores de abusos contra jornalistas.

Manual de segurança para jornalistas

Diante da escalada dos riscos enfrentados por jornalistas, a RSF publicou ainda em 2015, em parceria com a Unesco, uma nova edição do guia prático de segurança dos jornalistas, hoje disponível em diversos idiomas (francês, inglês, espanhol e árabe, persa...)

Destinado a jornalistas que partem em missão em zonas consideradas “de risco”, o guia apresenta conselhos práticos para evitar os perigos em campo. Conflitos armados, epidemias, catástrofes naturais, manifestações ... São inúmeras as situações de risco e os repórteres devem poder se preparar melhor. O guia não esquece que na era da Internet e dos smartphones a segurança cibernética tornou-se um desafio importante na proteção dos jornalistas em zonas de conflito ou trabalhando no interior de regimes repressivos. Numerosos conselhos são assim oferecidos para permitir que protejam suas fontes, seus dados e suas comunicações.

Enriquecido com depoimentos de grandes repórteres, o guia insiste ainda na importância de uma boa preparação antes da partida, tanto física quanto psicologicamente, e na necessidade de um debriefing e de uma assistência psicológica caso eventuais sintomas de estresse pós-traumático venham a ser detectados no retorno da missão.

Além das precauções sanitárias e administrativas, o Guia Prático de Segurança para Jornalistas lembra aos veículos de mídia que enviam jornalistas a campo da importância da formação e do diálogo, para que possam partir preparados e confiantes.